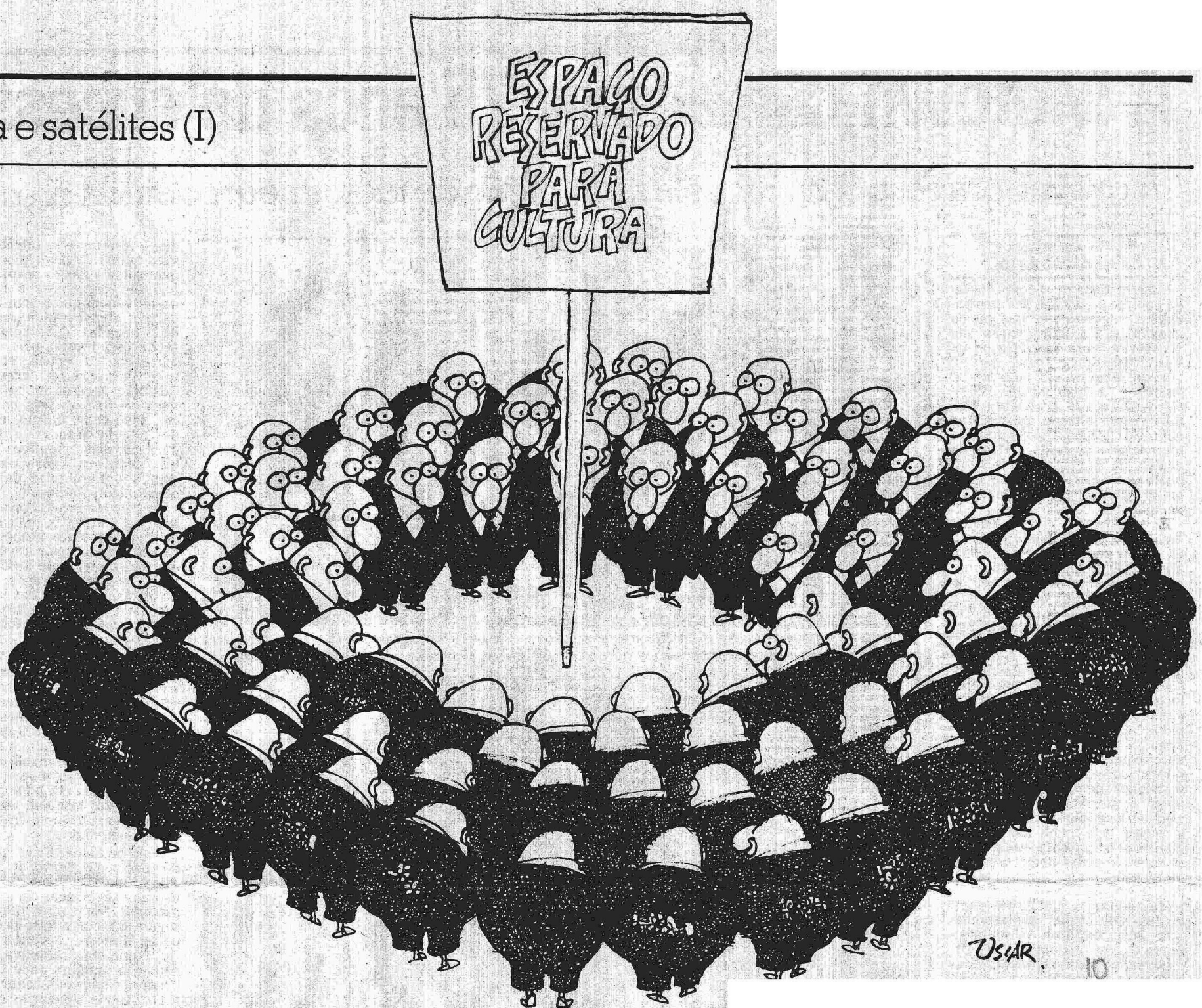


A cultura em Brasília e satélites (I)

Brasília, desde a sua fundação, há 24 anos, debate-se com uma grave contradição: centro político do País, a cidade não conseguiu transformar-se em centro cultural irradiador e descentralizador, o que seria uma de suas funções, o poder veio para cá, mas o pólo cultural do País permaneceu intacto no Sudeste. No início ainda havia o sonho da Universidade de Brasília, que projetava-se como a mais ousada da América Latina, e a vinda para cá de intelectuais do porte de Ferreira Gullar, Darcy Ribeiro e outros. Essa alvorada não durou muito e, com o tempo, a cidade acostudou-se a um vazio cultural dramático, que espalha-se pelo Plano Piloto e cidades-satélites. A partir de hoje, aproveitando o aniversário da cidade, o **CORREIO BRAZILIENSE** inicia uma série de reportagens sobre a vida cultural (ou falta de) no Plano Piloto e satélites, analisando também de que forma o Plano, apesar de tudo um privilegiado em atividades culturais, serve ou não como centro irradiador de atividades para as cidades-satélites. Foram ouvidos animadores culturais, diretores de teatro, intelectuais e pessoas de uma maneira ou de outra envolvidas em promoções culturais da cidade para se traçar um painel aproximado da cultura em Brasília e satélites em seus 24 anos de existência.



A indiferença marca o Plano e satélites

41 DOMINGO
ATUALIDADES
Brasília, domingo, 22 de abril de 1984
Suplemento do Correio Braziliense
Não pode ser vendido separadamente

SEVERINO FRANCISCO
Da Editoria de Atualidades

Toda tentativa de análise e/ou diagnóstico da situação cultural em Brasília corre o risco de se tornar um discurso delirante, ou seja, não passar jamais da palavra à ação, esgotar-se em si mesmo, ser um discurso em circuito fechado. Um amigo chega a definir Brasília como o cubo futurismo de uma colunista social. Traduzindo: uma superposição de fantasmas. E isto ocorre porque o impasse da cultura é o impasse permanente da cidade. Embora tenha algumas características de um moderno espaço urbano, Brasília, — centro de decisões formais/administrativas do País — não oferece qualquer infra-estrutura de produção cultural: espaços de divulgação, possibilidade de concorrência no mercado, acesso a informações atualizadas, choque de informação.

Restaria recorrer às instituições chamadas culturais. Mas, nos últimos tempos, o seu projeto destas foi a indiferença; falou em cultura, o burocrata puxa logo uma portaria. Em Brasília, surgiu uma nova figura pública/função social: o desanimador cultural, aquele que se empenha para nada dar certo. Diante do quadro, resta esperar, como no famoso poema de Drummond, que alguns “gênios rompam o asfalto, a náusea, as portarias, o tédio...”

Se aos 24 anos de existência, a situação de um espaço elitizado como o Plano Piloto é esta, nas cidades-satélites o impasse é exacerbado ao cubo. Na verdade, a primeira e única tentativa de se formular um projeto cultural para Brasília, claro e definido em seus objetivos, foi feita pelo poeta Ferreira Gullar durante a sua pequena passagem como diretor da Fundação Cultural, em 1961. No seu proje-

to considerou que a cidade era a junção do que havia de mais novo — o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer, de um lado — e o mais velho, de outro: a cultura trazida com a mão-de-obra do nordestino, do pau-de-arara: “Eu achei que deveria me ater a esta realidade, diz Gullar em entrevista. “A Fundação deveria de um lado trazer para Brasília o que havia de mais moderno e atual nos diferentes espaços da cultura — artes plásticas, teatro, música, — e de outro lado estimular em Brasília uma atividade de arte popular”. As atividades de Gullar como diretor da Fundação foram interrompidas abruptamente com a renúncia do presidente Jânio Quadros. Mas, ainda nas primeiras experiências, o plano já mostrava algumas de suas contradições, relacionadas com o com o período de euforia da “utopia” populista, em que foram concebido. A primeira — trazer a Brasília as manifestações de arte mais modernas — funcionou; a segunda — realizar um trabalho de incentivo a arte popular — furou. Num moderno espaço urbano, a relação com o dado cultural muda fatalmente, pois é uma relação cotidiana: “Não se pôde fazer primeiro porque o candango morava fora de Brasília; e depois porque saía de casa às seis horas da manhã para trabalhar e voltava de noite. Então não tinha mesmo como participar de atividades culturais”.

E preciso não esquecer que as cidades-satélites estão dentro de um contexto de Brasília que, por sua vez, está dentro de um contexto de Brasil e de mundo,

em relações cada vez mais interdependentes: “A relação que Taguatinga mantém com o Plano Piloto é do tipo colonial: é a mesma que o Plano Piloto mantém com o Rio de Janeiro e a mesma que a Ceilândia mantém com Taguatinga. A gente só consome. O Plano Piloto é a metrópole de Taguatinga”. — Diz José Fernandez, animador cultural de Taguatinga, um dos diretores do recém-criado teatro Rolla-Pedra. As informações atualizadas dos grandes centros ainda chegam a Brasília com grande defasagem, exceção feita a área musical. E não se faz arte viva sem informação viva em um espaço urbano, atravessado por relações complexas, que exigem formulações também complexas. A produção cultural das cidades-satélites ainda é marcada pela desinformação. Música popular se faz apenas com talento, bom ouvido, sensibilidade: a tradição é outra, a informação circula pelos veículos de massa. Mas para fazer teatro, artes plásticas, cinema poesia, é preciso dominar todo um arsenal de informações contemporâneas.

De todas as cidades-satélites, Taguatinga é a que ganhou mais impulso na área cultural, através da iniciativa de grupos de jovens, com uma intensa movimentação, que resultou na organização de associações e na promoção de feiras de arte, com boa repercussão entre a população. A II Semana de Arte e cultura, realizada recentemente, conseguiu reunir mais de 10 mil dos 290 mil habitantes de Taguatinga: “Existe uma nova geração, que nasceu aqui

mesmo, e está assumindo a questão da cultura. Nestes mais de 20 anos, os nossos pais só se preocuparam em ganhar dinheiro, construir casas, expandir o comércio. Nós herdamos um deserto cultural e queremos mudar esta situação”. — diz Fernandez.

Após a experiência solitária de Gullar, no início dos anos 60, as cidades-satélites foram completamente esquecidas dos planos de cultura, exceção feita ao questionável Projeto-Platéia, que acabou cumprindo uma função completamente inversa a sua proposta: abriu ainda mais o abismo entre público e manifestações artísticas. A razão principal é o seu caráter compulsório de “atividade extracurricular” obrigatória. A relação de prazer (cultural) fica completamente constrangida pela participação como nota no boletim escolar. Prazer não rima com obrigação/constrangimento. E todos as propostas de promoções culturais, realizadas pelas instituições, nas cidades-satélites, têm sido marcadas por um ranço populista: “Se é pra Taguatinga, é pra o povo, então vamos mandar Sidney Magal, Jair Rodrigues. Eles pensam que povo não gosta também de um filem mig-non”, sintetiza um artista de Taguatinga, integrante do movimento da cidade.

Um plano geral sobre as satélites: Taguatinga possui três cinemas: dois deles sobrevivem exclusivamente de pornochanchadas; o terceiro passa filmes de sucesso, mas com atraso de seis meses em relação ao Plano Piloto. Só existe uma biblioteca

pública, instalada em um colégio, com um acervo paupérrimo: “Se você quiser ler um bom livro, leve de casa”, diz um usuário da biblioteca. Em todas as cidades-satélites a reivindicação unânime: não existe nenhum espaço para divulgação das manifestações culturais. A única exceção é Taguatinga, onde acaba de ser inaugurado o teatro Rolla Pedra. No Núcleo Bandeirante, até dois anos atrás não havia nada em termos de promoção cultural, o projeto Platéia começou a ser apresentado no ano passado. Os poucos interessados estudam teatro ou tocam em grupos de Brasília. No Cruzeiro, existe uma galeria (que promovia concertos ao ar livre) extinta, um Cine-Clube extinto (Cine Clube Gavião), um departamento cultural da Escola de Samba Aruc também extinto: “Por problemas financeiros não se pode fazer um bom trabalho e, com isso, conseguir a adesão das pessoas da comunidade”, explica desta maneira um dos animadores do Cruzeiro. A relação das instituições reponsáveis pela cultura em Brasília com as cidades-satélites tem sido até agora mediada por um estrutura centralizadora, que retira qualquer atribuição cultural às administrações regionais. E, sobretudo, falta às instituições gente sensível a questão da cultura, que possa dialogar, expandir iniciativas, promover. A presença do poeta e jornalista Reinaldo Jardim, na Secretaria de Educação e Cultura, é um sintoma de uma nova disposição das instituições em relação ao dado cultura.